

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

joão da mata

Em 2018, completaram-se dez anos desde que Roberto Freire faleceu.

Dez anos, passaram rápido! A ausência do amigo e parceiro de trajetórias libertárias, dentro e fora da Somaterapia¹, deixa saudades. Mas deixa também a alegria que sua existência nos trouxe, especialmente naqueles que conviveram com a inquietude de um homem que não cessava de se manter jovem.

Sempre atento às questões do tempo presente e suas incidências nas sociabilidades e nas subjetividades, Freire ventilou os anarquismos com cheiros e gostos de uma liberdade libertina e liberada de tesão pela vida, vivificadas em nossos corpos. Queria retirar dos libertários os ranços de uma militância triste e sisuda, trazendo para perto o prazer corporificado em uma existência solar. Avesso às disputas dentro do jogo participativo das eleições e crítico feroz do capitalismo, o Bigode, como era chamado

João da Mata é doutor em Psicologia/UFF; Doutor em Sociologia Econômica e das Organizações/Universidade de Lisboa; Pós-Doutor em História/UFF. Trabalha com a Soma – uma terapia anarquista há 25 anos. Contato: jodamata@terra.com.br

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

carinhosamente pelos amigos, despertou especial interesse nos jovens que viam no anarquismo uma perspectiva ético-estético-política mais próxima de seus sonhos e quereres.

Anarquista que viveu na pele a contracultura e testemunha ocular de alguns dos principais acontecimentos da história recente no Brasil, Roberto Freire foi um importante pensador libertário que marcou presença em diversas áreas da cultura brasileira. Além de escrever mais de trinta livros, entre romances e ensaios políticos e científicos, envolveu-se no teatro, jornalismo, medicina, psicologia, cinema e música. Sua implicação na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil — entre as décadas de 1960 e 1970 —, além de sua vinculação nestas distintas áreas, serviram de fermento para a criação da Somaterapia, um processo terapêutico-pedagógico anarquista.

Joaquim Roberto Corrêa Freire nasceu em São Paulo, no dia 18 de janeiro de 1927, e faleceu na mesma cidade, em 23 de maio de 2008. Em diversas publicações, Freire defendia um anarquismo visceral, ligado ao corpo, ao prazer e à paixão, simbolizado na expressão “Sem tesão não há solução”², título de um dos seus mais conhecidos livros.

Esta expressão, curiosamente descoberta por Freire enquanto caminhava pelas calçadas da Rua da Consolação em São Paulo, escrita nos muros de um cemitério, tornou-se uma espécie de “bandeira” de seu pensamento. Depois de conviver com jovens em vários cantos do Brasil, Freire constatou que a expressão *tesão* mudara de sentido semântico, não mais expressando desejo sexual, mas uma mistura de beleza, alegria e prazer no ato de viver.

Segundo Freire, “tesão, agora, é muito mais do que tesão, porque de substantivo passou a ser adjetivo e está a pique de virar verbo quase completamente transitivo e pronominal”³. Para ele, é este modo de encantamento diante da vida que move a liberdade de ser e estar no mundo, uma potência para existir livre e criativamente. Instaurador de uma política libertária do prazer, Freire soube dar um sentido anárquico à sua existência, e sua obra confunde-se com sua própria trajetória de vida.

Roberto Freire formou-se em Medicina na Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), no Rio de Janeiro, em 1952. Obteve destaque nos estudos em Endocrinologia Experimental — com bolsa de estudos da Unesco para pesquisas no Collège de France, em Paris, no ano de 1953 — sob orientação do prof. Robert Courrier (1895-1986), tendo vários trabalhos publicados em revistas especializadas brasileiras e francesas sobre o tema. De volta ao Brasil e após alguns anos trabalhando como endocrinologista clínico, Freire realizou sua formação em Psicanálise através da Sociedade Brasileira de Psicanálise, em São Paulo, e fez trabalhos de acompanhamento clínico no Centro Psiquiátrico Franco da Rocha, também em São Paulo, em 1956.

Após algum tempo como psicanalista, Freire decidiu procurar novos caminhos de investigação em Psicologia, que o levaram a realizar estágios no exterior: em Bioenergética, com os colaboradores do ex-psicanalista Wilhelm Reich, em Paris; e em Gestalt-terapia, com os colaboradores de Frederich Perls, em Bourdeaux. Suas divergências teóricas e ideológicas se ampliaram, e Freire acabou se distanciando da psicanálise, ao mesmo tempo em que se aproximava cada vez mais do campo artístico-

literário e político brasileiro. Este era o período da ditadura civil-militar, e Freire iniciou então sua militância em organizações de esquerda, especialmente na AP – Ação Popular⁴, grupo marxista de ação política ligado à Igreja Católica, formado em 1962 e composto especialmente por jovens que então participavam da JUC – Juventude Universitária Católica.

Durante o período em que militou na clandestinidade, Freire passou por diversas prisões, sendo torturado física e emocionalmente em todas elas. A ditadura civil-militar no Brasil, iniciada após o golpe militar de 31 de março de 1964, durou até 1985, resultando em desaparecimentos, mortes, torturas e exílios. Até hoje, o Brasil não “acertou suas contas” com o passado recente. Freire foi personagem ocular desta história, e mais que isso, levou na carne as marcas da violência fascista:

“Eu passei por doze prisões e por quase todos os tipos de tortura. Mas há uma tortura que me marcou bastante e viria a deixar lesões para toda a vida, foram os chamados ‘telefonemas’, eram as pancadas que eles nos davam nos dois ouvidos em simultâneo com as duas mãos. Faziam isso 10 a 12 vezes ao dia e era horrível. Era uma dor lancinante, caíamos logo. Devido a isso as minhas duas retinas ficaram deslocadas anos a fio. Dez anos depois viriam mesmo a cair. Uma vista já não vê e a outra está muito mal”⁵.

Foi neste período de luta política que Roberto Freire conheceu e se interessou pelo anarquismo, assim como ampliaram suas divergências teóricas e práticas com os movimentos políticos da esquerda tradicional. Sua militância política contra a ditadura permaneceu ativa, no

entanto, mais distante do grupo do qual fazia parte, traçando outras estratégias de luta e ação. Mesmo divergindo da forma de atuação e, sobretudo, dos objetivos políticos dos partidos da esquerda marxista, visando a derrubada do regime militar e a implantação de um Estado socialista, Freire participava do movimento revolucionário, dando inclusive apoio financeiro aos militantes e suas famílias. Segundo ele, “durante muitos anos, depois de 1968, fiz, em segredo, atendimento aos militantes clandestinos, e foi nesses momentos que a Soma descobriu e confirmou, na prática, seus fundamentos teóricos e políticos, bem como encontrou a força motivadora para a ação verdadeiramente revolucionária. Mais tarde, quando eu próprio já não era mais tão visado pela repressão (pois adotara novas táticas de ação), pude trabalhar legalmente e transformá-la também numa fonte de finanças para a manutenção das famílias de militantes clandestinos ou vitimados por fuga, prisão ou morte”⁶.

Antes mesmo do início da ditadura e depois dela, em paralelo à militância política, Freire desenvolveu intensa participação no teatro, após abandonar a psicanálise. Ele dirigiu as peças *Escorial*, de Michel Guelderode, e *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. Também escreveu e codirigiu o espetáculo *O&A*, com Silnei Siqueira, *Quarto de empregada*, *Sem entrada e sem mais nada*, entre outras.

A peça *Morte e vida severina*, encenada em 1965, é destacada por diretores e atores, pois foi a revelação de um jovem músico: Chico Buarque. Além disso, esta peça enaltecia, segundo os críticos, dois pilares essenciais no teatro: a sua alta qualidade artística associada ao trabalho coletivo do grupo de atores, músicos e diretores. Estes

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

elementos foram fundamentais na superação da estrutura material ainda precária, e impulsionaram o grupo de tal maneira que no ano seguinte, em 1966, a peça ganhou os prêmios de crítica e público no IV Festival de Teatro Universitário Mundial, em Nancy, na França. Além de receber um importante prêmio internacional, *Morte e vida severina* marca a inauguração do TUCA – Teatro da Universidade Católica.

As precárias condições financeiras para financiar a viagem do grupo, composto por mais de trinta membros, entre atores e diretores, foram superadas graças ao apoio e à colaboração de amigos e integrantes do espetáculo. Freire vendeu seu telefone; o cantor Chico Buarque, seu primeiro veículo, um Fusca 1966. Além dos inúmeros espetáculos realizados pelo grupo para arrecadar fundos, foram realizados shows de amigos como Elis Regina, Dorival Caymmi e Geraldo Vandré.

Meses antes da montagem de *Morte e vida severina*, Roberto Freire fora convidado pela Reitoria da Universidade Católica de São Paulo para criar o teatro da instituição. O músico Chico Buarque, ao referir-se a Freire e à formação da equipe que levaria o primeiro espetáculo aos palcos do TUCA, afirma: “Ele me convidou para musicar *Morte e vida severina* a partir de um festival da Excelsior, onde eu era compositor e ele foi jurado. (...) Eu tinha a sensação de ser o caçula daquele pessoal, sentia uma incapacidade, achando que não ia conseguir musicar o poema. Em todo caso, discutia tudo, falava de tudo, e eu não entendia nada, nem de teatro”⁷⁷.

Alguns anos antes, em 1958, membros do Teatro de Arena criaram o Seminário de Dramaturgia, do qual

Roberto Freire foi um dos participantes mais entusiastas. “O Arena”, como era conhecido, foi composto por um grupo de artistas ligados ao teatro com forte implicação política. Freire teve sua peça teatral *Gente como a gente* analisada neste seminário e, posteriormente, dirigida por Augusto Boal, em julho de 1959. Em depoimento, Roberto Freire considera que: “o Seminário de Dramaturgia foi mais um marco histórico que um processo de elaboração de textos brasileiros. (...) Sem o seminário, teríamos escrito as mesmas coisas, mas sem a mesma tomada de consciência. O que me acrescentou alguma coisa foi ter participado com outras pessoas de uma tomada de posição em favor do teatro brasileiro”⁸.

Freire trabalhou também em funções administrativas da área teatral, como presidente da Associação Paulista da Classe Teatral; diretor do Serviço Nacional de Teatro no Governo de João Goulart, deposto logo após o golpe militar de 1964; e diretor artístico no TUCA. Mas foi nos tempos de TUCA, como costumava falar, que Freire viveu o ápice de seu encantamento pelo teatro:

“Criado por estudantes que resistiam e não aceitavam as imposições deformantes e castrativas de sua liberdade de associação e manifestação e por profissionais de teatro que já haviam participado de experiências de cultura popular e que, após 1964, preferiam não trabalhar em teatro comercial, o TUCA encontrou logo o apoio da reitoria da Universidade Católica de São Paulo”⁹.

Na música, Freire foi letrista e jurado de diversos *Festivais da MPB*. Participou ativamente do movimento cultural que lançou nomes importantes na música brasileira e que atuavam também como resistência política nos

anos de chumbo. O pesquisador Zuza Homem de Mello, em seu livro *A era dos festivais*¹⁰, descreve claramente de que maneira os resultados dos Festivais passaram a ser ditados pelos interesses ligados à ditadura civil-militar. Numa das passagens mais marcantes, Homem de Mello enfoca o papel de Roberto Freire, um dos membros do júri nacional: “Ao tentar ler no palco do VII FIC [Festival Internacional da Canção da TV Globo] um manifesto contra a destituição do júri nacional, Roberto Freire foi violentamente arrastado por policiais, que o levaram a uma sala e o espancaram barbaramente (...). Terminava aí a Era dos Festivais”¹¹.

Sua atuação foi marcante também na televisão brasileira, na qual Freire foi autor do *Teleteatro*, exibido na TV Record e na Rede Globo. Foi um dos primeiros roteiristas dos folhetins *Malu mulher* e *A grande família*, este último ainda hoje em cartaz; além de ser autor de algumas novelas. No cinema, fez a direção e roteiro do longa-metragem *Cleo e Daniel*, de sua autoria, com Myriam Muniz, John Herbert, Beatriz Segall, Irene Stefânia e Chico Aragão. O roteiro é uma adaptação do romance homônimo, escrito por Freire em 1966, inspirado na tragédia *Daphnis e Chloe*¹², do poeta romano Longus.

O romance *Cleo e Daniel* — primeiro livro publicado por Freire — é reconhecido como um marco para a geração de 1960 e 1970, que se identificava fortemente com os conflitos familiares e amorosos das personagens, frutos da repressão política e social vividas no Brasil em função da ditadura civil-militar. Redigido em folhas de jornais velhos, nas celas das prisões políticas por onde passou, o livro *Cleo e Daniel* representou, na visão de Freire, a síntese do que se vivia no Brasil naquele período de escuridão

política. A falta de liberdade para a realização do amor dos jovens, personagens centrais do livro, era o espelho de uma sociedade calada pela força da repressão fascista dos militares. Segundo Freire: “Percebi que todas as histórias de amor e da morte que me habitam, todas mesmo, possuem em comum um conflito básico: em nosso sistema político e social, para não morrer temos de nos travestir (nos mais estritos e nos mais amplos sentidos), e, uma vez travestidos, o amor torna-se impossível ou irreconhecível. Então, só nos sobra a vida para viver. E a vida assim, é muito pouco, ou nada”¹³.

No jornalismo, Freire foi repórter e redator de medicina e saúde pública no jornal *OESP*; diretor responsável do jornal *Brasil Urgente*; cronista do jornal *A Última Hora / SP*; repórter da revista *Realidade*, da Editora Abril, na qual obteve, em 1967, o Prêmio Esso com a reportagem *Meninos do Recife*; diretor de reportagem da revista *Bondinho*; editor da revista *Grilo* (histórias em quadrinhos) e um dos fundadores da revista *Caros Amigos*. Na área da Educação, foi assessor de Paulo Freire no *Plano Nacional de Alfabetização de Adultos* e professor na Escola de Artes Dramáticas da USP.

Em todas as atividades às quais se dedicou — medicina, psicologia, educação, teatro, televisão, jornalismo e literatura —, Roberto Freire deixou suas marcas. Porém, segundo o que afirmava o próprio Freire, a Somaterapia foi a sua principal contribuição, enquanto teórico e militante libertário. Fortemente inspirada por sua atividade política na luta contra a ditadura e sua incursão pelo teatro, a Soma foi o retorno de Freire à psicologia:

“Eu estava na Europa e fui ver um espetáculo de *Living Theatre* dirigido por Julian Beck. Era um teatro anarquista norte-americano que não ficou nos Estados Unidos porque não queria pagar impostos. Saiu pelo mundo fazendo um sucesso tremendo, porque atuava de uma forma completamente revolucionária. Eu fiquei fascinado. Fui então entrevistar o Julian Beck e disse-me que a sua arte de representar era simples porque eles estudavam Wilhelm Reich. Eu perguntei quem era, e ele respondeu-me que era um psicanalista dissidente e discípulo de Freud. Levou-me para casa dele e deu-me a ler uma série de livros de Wilhelm Reich e outros. Comecei então a estudá-lo em pormenor mesmo na Europa pela mão de um diretor de teatro”¹⁴.

Durante sua militância clandestina na luta contra a ditadura civil-militar, Freire não reconhecia nem na psicanálise, nem na psicologia tradicional, instrumentos eficientes e necessários para ajudar nos conflitos emocionais e psicológicos de seus companheiros de luta que o procuravam buscando auxílio. Foi, então, encontrar nas pesquisas do mais radical crítico de Sigmund Freud e sua psicanálise, o austríaco Wilhelm Reich, os elementos fundamentais de sua terapia libertária.

A partir daí, criou uma técnica terapêutica corporal e em grupo, onde o referencial anarquista é a base metodológica do processo terapêutico. Trabalhando em autogestão, os grupos de Soma procuram realizar uma dinâmica em que o grupo funciona como um microlaboratório social, no qual os conflitos de poder presentes nos diversos níveis da sociedade ali se apresentam e são trabalhados. A Somaterapia é um método libertário que busca o desbloqueio da criatividade para o ato de viver. Para a

construção de seu método, Freire utilizou, entre outros recursos, exercícios oriundos de sua experiência em teatro, seu encontro com a obra reichiana e sua militância política.

Através de seus estudos e da criação da Soma, Freire defendeu o que chamava de *anarquismo somático*¹⁵. Esta noção de anarquismo está ligada à defesa do prazer como valor ético, ao entendimento do corpo como unidade indivisível, à atuação libertária no aqui e agora e ao entendimento do ser humano dentro de uma perspectiva biopsicossocial. O cruzamento das teorias psicológicas, especialmente a obra de Wilhelm Reich com o anarquismo, possibilitou a singularização do pensamento libertário na prática da Soma nesta denominação de um libertarismo somático. As reflexões a respeito do anarquismo somático, presentes em boa parte da obra de Freire e cujo objetivo não modifica em nada o substantivo anarquismo, evidenciam algumas singularidades em sua concepção e em sua prática, tanto no trabalho da Somaterapia como na ampliação da ação libertária no Brasil e no mundo. O anarquismo somático, enfim, é uma possibilidade de pensar a luta libertária como algo que tenha o prazer impregnado nas formas de agir no cotidiano, que una o humano nele mesmo e que o faça agir apaixonadamente.

Roberto Freire nos apresentou, através de suas pesquisas, um jeito libertário singular, tropical, algo intimamente ligado às questões da atualidade, no Brasil e no mundo. Também nos mostrou a possibilidade de fazer política libertária de uma forma lúdica e prazerosa, longe dos sisudos partidos políticos. Não é à toa que os jovens têm uma fácil identificação com seus textos e com a Soma. E foi com ela e para ela que as contribuições libertárias de Freire mais tiveram alcance. Este “militante do tesão”

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

— como costumava se autointitular — pôde contagiar novos libertários, convidando-os à celebração da vida e da liberdade.

Por fim, deixo aqui uma das passagens que considero mais elucidativas dos efeitos do autoritarismo capilarizado nas relações amorosas, tema que ocupa uma centralidade em sua obra. Nela, muitas vezes encontramos acontecimentos da vida cotidiana e de gente simples, que refletia os reveses da existência. Transcrevo aqui um fragmento de um de seus textos, publicado originalmente no livro *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!*¹⁶. Neste diálogo entre mãe e filho está contida a crítica poética de Freire sobre o silencioso e cotidiano assassinato de nossos sonhos e utopias. O fragmento é autoexplicativo.

“Há muitos anos, quando era médico dos operários de uma fábrica que ficava perto de Santo André, eu fazia o percurso de São Paulo até lá por meio de trem suburbano, que apanhava na Estação da Luz. Cada uma dessas viagens (ida e volta) era um mergulho enriquecedor e aprofundador naquilo que já chamei de saldos de povo que existem em mim, apesar de tudo. Quando ia para a fábrica, pegava o trem das seis e trinta da manhã. Meus companheiros de viagem eram quase que exclusivamente operários e comerciários.

Certa manhã, sentei-me diante de uma mulher de uns quarenta anos, operária, e de um garoto de dezoito anos, seu filho, comerciário. Suas profissões vim a saber ao fim da viagem, quando trocamos algumas palavras. O que pretendo contar é o diálogo havido entre os dois, mãe e

filho, à minha frente, falando alto e com a intensidade do amor em crise.

O rapaz queria saber a opinião da mãe sobre o caderno de poemas que tinha escrito e que lhe dera para ler na véspera.

— Bonitos. Muitos não entendi. Mas me deu medo...

— Medo? Por que medo, mãe?

— Você gosta mais de escrever poesias do que trabalhar no escritório, não gosta?

— Gosto muito mais. Quer dizer, não gosto de trabalhar no escritório e adoro escrever poesias... Vou ser sincero: às vezes, lá no escritório, fico escrevendo uns versos...

— Você vai acabar perdendo o emprego, filho. Está vendo por que eu disse que tinha medo?

— Mas é uma coisa assim que vem de dentro de mim; não dá pra controlar: ou faz ou arrebenta. Sabe, assim como vontade de fazer pipi... Mas é do jeito da vó, lembra, quando ela tinha aquela doença de velhice, e fazia pipi na cama, na sala, na rua, onde estivesse...

— Me explica uma coisa: se você trabalha de dia, estuda de noite, joga bola sábado de tarde e domingo de manhã, namora domingo de tarde e de noite, a vontade de fazer esse tal de pipi-poesia interrompe o que você estiver fazendo, onde estiver, mesmo, como sua vó?

— Não. Só faço pipi igual à vó quando tou no escritório e nas aulas.

— Eu desconfiava. Você vai acabar perdendo o emprego...

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

— Arranjo outro...

— Se o negócio do pipi continuar, você perde esse emprego também, e o outro, e o outro...

— É, a senhora tem razão, pode acontecer, e...

— E acaba reprovado na escola. Acaba também não sendo ninguém, feito nós...

— Mas serei um poeta!

— Poeta?

— É, poeta! Tem muito poeta no mundo.

— Tem, tem, eu sei. Mas tudo morrendo de fome, desempregado...

— Nem todos, mãe...

— Pega um jornal de domingo, filho, pega a parte de anúncios classificados, espia direito, e vê se tem algum anúncio oferecendo emprego pra poeta!

— Não tem, não preciso ver, eu sei que não tem.

— E então?

O rapaz virou o rosto para o vidro, parecendo estar olhando a paisagem feia, amarga e triste do subúrbio paulistano, mas talvez não tão feia, tão amarga e triste quanto deviam ser os seus pensamentos e sentimentos naquele momento, supunha eu, tirando por mim. A mãe, com jeito sofrido, angustiado, como que cumprindo um dever de responsabilidade, insistiu, agora em tom baixo e cuidadoso, pois devia conhecer a sensibilidade do filho:

— E então, meu filho?

Sem se voltar — e eu o imagino vendo a feia paisagem suburbana passando veloz diante de seus olhos e se deformando e diluindo nas lágrimas que continha, envergonhado, além de tudo —, respondeu mais para dentro do que para fora:

— Você tem razão, mãe. Vou parar com a poesia. Não estou velho e doente como a vó, vou dar um jeito de não ficar mais mijando minhas poesias nas calças... por aí...

— É, filho, tenho pena, as coisas não tinham de ser assim, mas são. A gente não pode fazer o que gosta, ainda mais quando o que gosta é poesia...

E sorriu. Abraçou o filho. Beijou-o na testa. Ele virou o rosto para mim. Então vi que o menino tinha os olhos enxutos e deles escapavam chispas de ódio.”

Publicações de Roberto Freire

Roberto Freire. *viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!*. São Paulo: Global, 1977.

_____. *Utopia e paixão*. São Paulo, Trigramma, 1991.

_____. *A farsa ecológica*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1992.

_____. *Soma – Uma terapia anarquista – Vol. 1 – A alma é o corpo*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1988.

_____. *Soma – Uma terapia anarquista – Vol. 2 – A arma é o corpo*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.

_____. *Um anarquista do cotidiano*. Entrevista para o Jornal Diário de Pernambuco. Recife, 1992.

_____. *Roberto Freire*. Entrevista para a Revista Utopia. Lisboa, 1999

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

_____. *Tesudos de todo o mundo: uni-vos!*. São Paulo, Siciliano, 1995.

_____. *Liv e Tatzuu: uma história de amor incestuoso*. São Paulo, Globo, 1999.

_____. *O Divã Anarquista*. Entrevista para a Revista IstoÉ. São Paulo, 1995.

_____. *Cleo & Daniel*. São Paulo, Sol & Chuva, 1995.

_____. *Coiote*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1986.

_____. *Ame e dê vexame*. São Paulo, Trigram, 2000.

_____. *Sem tesão não há solução*. São Paulo, Trigram, 2000.

_____. *Eu é um outro*. Salvador, Maianga, 2002.

Roberto Freire & João da Mata. *Soma – uma terapia anarquista – Vol. 3 – corpo a corpo*. São Paulo, Sol e Chuva, 1996.

_____. *Soma – terapia libertaria*. Barcelona, Ediciones Urgentes, 2004.

Roberto Freire; João da Mata; Jorge Goia & Vera Schroeder. *O tesão pela vida*. São Paulo, Francis, 2006.

Filmes sobre a Soma:

- As bases teóricas da Somaterapia:

<http://www.youtube.com/watch?v=ARy1sMiyxiw>

- As maratonas de campo:

<http://www.youtube.com/watch?v=jdHk45edR0s>

- A política da Somaterapia e a capoeira angola:

<http://www.youtube.com/watch?v=h7RDTDIk2-E>

- Video-aula 1: Os objetivos da Somaterapia

<https://www.youtube.com/watch?v=Wp8TkH3chwA>

- Vídeo-aula 2: A história da Somaterapia

<https://www.youtube.com/watch?v=FuMUDAIAoUY>

Canal da Somaterapia no YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCaQZXWcPGv5buEv3EMvsFPg>

Site da Soma terapia:

www.somaterapia.com.br

Notas

¹ <http://www.somaterapia.com.br>

² Este é um dos *best-sellers* de Roberto Freire, no qual o autor defende o fim do bloqueio que, segundo ele, a sociedade impõe à satisfação do prazer. Reúne três ensaios nos quais Freire destila suas pesquisas e reflexões sobre psicologia e política. Segundo o autor, o livro *Sem tesão não há solução* influenciou no uso corriqueiro da palavra tesão, em seu atual significado, no português falado no Brasil. Usada apenas para descrever excitação sexual, após o lançamento e as sucessivas edições do livro, a palavra deixou de ser chula e ganhou todas as faixas etárias e camadas sociais, literatura, rádio e TV, foi publicada em revistas e jornais. E sempre com o sentido que Freire lhe deu: paixão por algo que desperte prazer, beleza e alegria.

³ Roberto Freire. *Sem tesão não há solução*. São Paulo, Trigramma, [1987] 2000, p. 18.

⁴ A Ação Popular (AP) foi um movimento político nascido em junho de 1962. Seu surgimento foi derivado de um congresso realizado em Belo Horizonte (MG) como resultado da atuação dos militantes estudantis da Juventude Universitária Católica (JUC) e de outros agrupamentos da Ação Católica. A partir de seu segundo congresso, realizado em Salvador (BA), a AP decidiu-se pelo “socialismo humanista”, buscando inspiração ideológica

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

em Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Jacques Maritain e Padre Lebreton. Teve uma vertente protestante, cujo representante mais conhecido foi Paulo Stuart Wright. Foi composta principalmente de lideranças estudantis, entre as quais se destacaram Herbert José de Souza (o Betinho), Jair Ferreira de Sá, José Serra, Vinícius Caldeira Brant, Aldo Arantes, Haroldo Lima, Duarte Lago Pacheco, entre outros, contando ainda com a participação de lideranças camponesas e operárias.

⁵ Roberto Freire. Entrevista para a *Revista Utopia*. Lisboa, 1999, p. 71.

⁶ Roberto Freire; João da Mata; Jorge Goia; Vera Schroeder. *O tesão pela vida*. São Paulo, Francis, 2006, p. 16-17.

⁷ Chico Buarque. “Chico no jornal Poramdubas” in *Revista do TUCA*. São Paulo, 1980, p. 22.

⁸ Carmelinda Guimarães. “Seminário de Dramaturgia: uma avaliação 17 anos depois” in *Dionysos. Especial: Teatro de Arena*. Rio de Janeiro, MEC/DAC-Funarte/SNT, nº 24, 1978, p. 69.

⁹ Roberto Freire. *Eu é um outro*. Salvador, Maianga, 2002, p. 216.

¹⁰ Zuza Homem de Mello. *A era dos festivais*. São Paulo, Editora 34, 2003.

¹¹ Idem, p. 429. Estes festivais da canção foram concursos de músicas nacionais e estrangeiras que fizeram bastante sucesso do Brasil. Deles saíram alguns dos mais importantes representantes da música brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Os festivais eram realizados no Rio de Janeiro e transmitidos, inicialmente, pela TV Rio, e depois, pela TV Globo. Foram criados por Augusto Marzagão e realizados de 1966 a 1972, totalizando sete festivais. Cada um tinha duas fases: a nacional, para escolher a melhor canção brasileira, e a internacional, para eleger a melhor canção de todos os países participantes — a concorrente brasileira era a vencedora da fase nacional.

¹² *Daphnis e Chloe*, obra atribuída ao escritor grego Longus, é considerado um dos mais antigos e conhecidos romances pastorais (amor bucólico). O texto foi escrito por volta do ano 200, mas o manuscrito foi tardiamente descoberto por Paul-Louis Courier, na Biblioteca Laurenziana, em Florença, em 1509. A história de Daphnis e Chloe foi publicada, originalmente, em francês, em 1509 e em inglês, em 1587. O romance de Longus atraiu diversos ilustradores no século XVIII, principalmente artistas franceses que enfatizaram a sexualidade através de imagens — várias edições, em muitos

exemplares, foram publicadas. Ao longo dos últimos cinco séculos, embora a obra nunca tenha saído de catálogos de impressores artesanais e editores comerciais, foi raramente valorizada, chegando a ser identificada na História do Livro como “o bestseller desconhecido”.

¹³ Roberto Freire. *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!*. São Paulo, Global, 1977, p. 12.

¹⁴ Idem, 1999, op. cit., p. 73.

¹⁵ Esta expressão ganhou contorno, sobretudo, a partir do encontro entre Roberto Freire e o pensador libertário Jaime Cubero (1926-1998), ainda na década de 1970. Cubero observara na obra de Freire um jeito diferente de exercer o anarquismo no Brasil, com características marcantes de uma militância mais despojada, lúdica e prazerosa. Sempre atento às diferentes formas de anarquismos, Cubero percebeu na obra de Freire algo novo e singular na militância libertária.

¹⁶ Roberto Freire, 1977, op. cit..

roberto freire e o anarquismo de corpo, prazer e alegria

Resumo

10 anos após o falecimento do anarquista e inventor da somaterapia, Roberto Freire, o artigo retoma parte de sua história; sua formação e ruptura com a psiquiatria; o envolvimento com a militância de esquerda; sua descoberta do anarquismo; a perseguição e tortura pela ditadura civil-militar; seu envolvimento com as artes, em especial o teatro e a literatura; seu retorno para a prática terapêutica, após o encontro com o grupo anarquista The Living Theatre, que lhe apresentou o trabalho de Wilhelm Reich. Roberto Freire nos apresentou um jeito libertário singular, tropical, e nos mostrou a possibilidade de fazer política libertária de uma forma lúdica e prazerosa, longe dos sisudos partidos políticos. Saúde, tesão e anarquia. Palavras-chave: Roberto Freire, somaterapia, anarquia.

Abstract

10 years after the death of the anarchist and inventor of Somatherapy, Roberto Freire, the article resumes part of his history; the training and rupture with psychiatry; the involvement with left-wing militancy; the discovery of anarchism; the persecution and torture he suffered by the civil-military dictatorship; the involvement with the arts, especially theater and literature; the comeback to therapeutic practice after meeting the anarchist group The Living Theater, which introduced him the work of Wilhelm Reich. Roberto Freire introduced us a singular, tropical anarchist way, and showed us the possibility of making libertarian politics in a playful and pleasurable form, far from the sober political parties. Salute, lust, and anarchy.

Keywords: Roberto Freire, somatherapy, anarchy.

Roberto Freire and the anarchism of body, pleasure, and joy, João da Mata.

Recebido para publicação em 15 de julho de 2018. Confirmado em 30 de setembro de 2018.